

# Desatando os nós da Bíblia

"A melhor maneira de ajudar a uma pessoa é ensiná-la a pensar". (D. Helder Câmara).

Novamente, como o fizemos alhures, recorramos ao filósofo holandês Baruch de Espinosa (1632-1677), que, em seu *Tratado Teológico-Político*, fez uma observação que, além de ser bem interessante, é atualíssima; vejamo-la:

Toda a gente diz que a Sagrada Escritura é a palavra de Deus que ensina aos homens a verdadeira beatitude ou caminho da salvação: na prática, porém, o que se verifica é completamente diferente. Não há, com efeito, nada com que o vulgo pareça estar menos preocupado do que em viver segundo os ensinamentos da Sagrada Escritura. É ver como andam quase todos fazendo passar por palavra de Deus as suas próprias invenções e não procuram outra coisa que não seja, a pretexto da religião, coagir os outros para que pensem como eles. Boa parte, inclusive, dos teólogos está preocupada em saber como extorquir dos Livros Sagrados as suas próprias fantasias e arbitrariedades, corroborando-as com a autoridade divina. (ESPINOSA, 2003, p. 114).

Fora isso, encontramos também aqueles que, apesar de aceitarem-na como sendo a palavra infalível de Deus, incoerentemente, não a seguem no todo, como, por exemplo, o passo que determina que os pais levem seu filho rebelde à porta da cidade para que seja apedrejado pelos anciãos até a morte (Dt 21,18-21); fora outros tantos em que é estabelecida a pena de morte para várias situações, a despeito de contrariar o taxativo "*Não matarás*" (Ex 20,13; Dt 5,17).

Bem observada, veremos que há na Bíblia evidente discriminação para com os homens que por ventura tivessem esmagado ou cortado o membro viril e contra os bastardos, já que, em ambos os casos, não poderiam ser admitidos na assembleia do Senhor (Dt 23,1-2), determinações essas que, também, não fazem a mínima questão de seguirem.

Por mais que tenhamos nos esforçado, não conseguimos ver a razão e a utilidade prática para o teor do seguinte passagem:

*"Se dois homens estiverem em disputa, e a mulher de um vier em socorro de seu marido para livrá-lo do seu assaltante e pegar a este pelas partes vergonhosas, cortarás a mão dessa mulher, sem compaixão alguma".* (Dt 25,11-12).

Sentimos muito, mas recusamos aceitá-lo como proveniente de Deus. Porém, os adeptos da crença de que a Bíblia é a palavra de Deus jamais dão, ou darão, o braço a torcer, ainda que contorcendo toda a boa lógica interpretativa para justificarem essa crença; às vezes tem-se mesmo a impressão de que são completamente cegos.

O estudioso Bart D. Ehrman (1955- ), que, atualmente, se diz um ex-cristão evangélico radical (EHRMAN, 2008), vai mais longe, propondo que o que lhes fazem é, de fato, pura lavagem cerebral (EHRMAN, 2006). Dele tomamos este judicioso alerta: "É importante descobrir o que a Bíblia de fato diz, e não fingir que ela não diz algo que por acaso contradiz o ponto de vista de alguém em particular". (EHRMAN, 2008, p. 25).

Parece-nos que a frase "uma mentira contada mil vezes, torna-se verdade", atribuída ao nazista Joseph Goebbels (1897-1945), foi inspirada no procedimento secular dos seguimentos ditos cristãos, de repetir ser a Bíblia a palavra infalível de Deus. Apesar de contrariar o entendimento de alguns desses fiéis, demonstraremos o porquê de a Bíblia não ser, de fato, a palavra de Deus.

O primeiro argumento que se nos apresenta é uma passagem da carta a Timóteo, na qual lemos:

*"Toda Escritura é inspirada por Deus e é útil para ensinar, para refutar, para corrigir, para educar na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito, preparado para*

*toda boa obra*". (2Tm 3,16-17).

Embora alguns atribuam essa carta a Paulo, estudiosos modernos questionam a autoria como sendo dele; mas isso pouco nos importa no momento, pois há coisa mais grave para se apontar que, infelizmente, não se vê, especialmente pelos crentes piedosos que passaram pela lavagem cerebral.

Trata-se de um detalhe bem simples: quando esta carta a Timóteo foi escrita, isso por volta de "66 ou 95-100" (BARRERA, 1999, p. 288), o que se considerava como Escritura era apenas a Bíblia Judaica, que, segundo o historiador hebreu Flávio Josefo (37-103), continha somente 22 livros (JOSEFO, 1990, p. 712). Ora, é de conhecimento de todos nós que esses livros deveriam ser o Antigo Testamento das atuais Bíblias cristãs; porém, os católicos os contam em número de 46, enquanto que, para os protestantes, eles são apenas 39. E como bem disse São Jerônimo (ca. 347-420): "A verdade não pode existir em coisas que divergem" (CHAVES, 2006), então, é preciso primeiro, por óbvio, se resolver qual delas – a dos católicos ou a dos protestantes –, é a que deve ser considerada a verdadeira palavra de Deus.

Outro nó, é o fato de que encontramos passos constantes no próprio Novo Testamento que, de certa forma, "detonam" o Antigo Testamento como algo que se deva seguir. Transcrevemos de Paulo, os três primeiros, e do autor de Hebreus, os dois seguintes:

Rm 7,6: "*Mas agora, livres da Lei, estamos mortos para aquilo que nos conservava prisioneiros, de sorte, que **podemos servir a Deus conforme um espírito novo e não segundo a letra antiga***".

1Cor 15,2: "***É pelo evangelho que vocês serão salvos**, contanto que o guardem de modo como eu lhes anunciei; do contrário, vocês terão acreditado em vão*".

Ef 1,13: "*Em Cristo, também vocês ouviram a palavra da verdade, **o Evangelho que os salva***".

Hb 7,18-19: "*Dessa maneira é que **se dá a ab-rogação do regulamento anterior em virtude da sua fraqueza e inutilidade – a Lei, na verdade, nada levou à perfeição** - e foi introduzida uma esperança melhor pela qual nos aproximamos de Deus*".

Hb 8,6-8.13: "*Mas, agora, Jesus foi encarregado de um ministério tanto mais excelente quanto melhor é a aliança da qual é mediador, sendo esta legalmente fundada sobre promessas mais excelentes. **Se, na verdade, a primeira aliança tivesse sem falhas, não teria cabimento ser substituída por uma segunda**. Pois, censurando o povo é que Deus declara: "Eis que virão dias, diz o Senhor, em que estipularei uma nova aliança com o povo de Israel e com o povo de Judá..." **Dizendo: "Aliança nova Deus declarou antiquada a primeira. Ora, o que se torna antiquado e envelhece está próximo de desaparecer***".

Ademais, o próprio Jesus estabeleceu o limite de tempo em que o Antigo Testamento teria vigorado: só até João Batista. Confirmemos:

Lc 16,16: "***A lei e os profetas vigoraram até João**; desde esse tempo vem sendo anunciado o evangelho do reino de Deus, e todo homem se esforça por entrar nele*".

Fazem uma confusão sem precedentes aqueles que buscam se apoiar em Mt 5,17-18, para sustentar que Jesus tenha referendado o Antigo Testamento. Vejamos, primeiramente, o teor do passo:

Mt 5,17-18: "*Não penseis que vim revogar a lei ou os profetas; não vim para revogar, **vim para cumprir**. Porque em verdade vos digo: 'Até que o céu e a terra passem, nem um 'i' ou um 'til' jamais passará da lei, **até que tudo se cumpra**'*".

Se Jesus tivesse vindo cumprir a Lei como querem, ou seja, sancionar todo o Antigo Testamento, Ele não teria modificado algumas determinações nela contidas, conforme poder-se-á ver, por exemplo, em Mt 5,31-32 e Mt 5,38-42, quando propõe novo entendimento quanto às situações, respectivamente ali mencionadas: não repudiar a esposa e não retribuir às ofensas, que se permitiam na Lei mosaica. Além disso não podemos deixar de mencionar

que, enquanto em Moisés recomendava-se amar somente aos do próprio povo (disso não viam nenhuma obrigação de amar os inimigos, ou seja, era normal odiá-los), Jesus recomenda, taxativamente, que se deve amar também os inimigos (Mt 5,44-48).

Em relação à Lei e os profetas, além desses dois passos há outros dois nos quais Jesus resume tudo quanto se deveria retirar deles para a nossa instrução: "*Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo*" (Mt 22,34-40) e "*Tudo o que desejamos para nós, façamos aos outros*" (Mt 7,12). Entendemos que, ao resumir toda a Lei e os Profetas nestas duas máximas, Jesus deixa de fora todo o resto, o que de certa forma é uma revogação de tudo que não se enquadrar no teor contido nelas.

Com a afirmação de que "*nem um 'i' ou um 'til' jamais passará da lei, até que tudo se cumpra*", Jesus está se referindo às supostas profecias a seu respeito contidas na Antiga Lei e nos profetas. Para entender essa fala é preciso ver os seguintes passos, que relatam o seu encontro com os discípulos que se dirigiam para a aldeia de Emaús:

Lc 24,25-27: "*Ele então lhes disse: 'Ó homens sem inteligência, como é lento o vosso coração para crer **no que os profetas anunciaram!** Não era preciso que Cristo sofresse essas coisas para entrar na glória?' **E partindo de Moisés começou a percorrer todos os profetas, explicando em todas as Escrituras, o que dizia respeito a ele mesmo***".

Lc 24,44-45: "*A seguir Jesus lhes disse: 'São estas palavras que eu vos falei, estando ainda convosco, **que importava se cumprisse tudo o que de mim está escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos***'. Então lhes abriu o entendimento para compreenderem as Escrituras".

Explica-lhes o que constava das Escrituras a respeito dele, iniciando por Moisés, passando por todos os profetas, ou seja, esclarece-lhes o que era realmente importante e que deveria ser cumprido nesse contexto.

Com isto, acabamos por nos defrontar com mais um nó: é o que diz respeito às profecias, as quais já qualificamos de "supostas". Por que dizemos supostas? Pelo simples fato de que a grande maioria delas não se trata de profecias, mas de fatos ligados a eventos temporalmente próximos no contexto no qual elas estavam inseridas. E para se ter uma ideia de até onde iam com essa imaginação fértil, citavam até mesmo profecias inexistentes, como é o caso, por exemplo, do passo Mt 2,23, que diz que profetas (presume-se vários) previram que Jesus "*Será chamado o Nazareno*", já que nem um só profeta disse isto.

Mais nós se acumulam, ao se ver as inúmeras contradições contidas na Bíblia – que não citaremos aqui por serem fáceis de se encontrar, já que estão disponíveis em vários sites na Internet –, porém, não deixaremos de dar pelo menos um bom exemplo:

Dt 5,9: "*[...] eu castigo a culpa dos pais em seus filhos, netos e bisnetos*".

Conflita com:

Dt 24,16: "*Os pais não serão mortos pela culpa dos filhos, nem os filhos pela culpa dos pais. Cada um será executado por causa de seu próprio crime*".

E há ainda coisas bem simples que estranhamos ver com várias versões, demonstrando não poderem ter vindo de uma mesma fonte inspirativa:

a) nome do sogro de Moisés:

– Raguél, sacerdote de Midiã (Ex 2,17-18);

– Jetro (Ex 3,1; 4,18, 18,1);

– Hobab, filho de Raguél, o madianita (descendente de Abraão) (Nm 10,29);

– Hobab, o quenita ou queneu (povo nômade da região de Canaã) (Jz 1,16).

b) o motivo pelo qual os hebreus saíram do Egito:

– o Faraó os deixou partir (Ex 13,17);

– eles fugiram do Egito (Ex 14,5);

– foram expulsos (Ex 21,39).

O mesmo fato contado de diferentes formas:

a) o possesso que vivia nos túmulos:

– Mateus fala país dos **gadarenos**, e que eram **dois endemoninhados**; (8,28-34);

– Marcos diz na região dos **gerasenos**, com **um homem possuído** por um espírito impuro (5,1-1-20);

– Lucas afirma que ocorreu na região dos **gerasenos**, com **um homem possuído** por demônios (8,26-29).

b) o(s) que estava(m) junto ao túmulo de Jesus:

– Mateus: **um anjo** do Senhor (28,2-3);

– Marcos: **um jovem** vestido de branco (16,4-5);

– Lucas: **dois varões** com vestes resplandecentes (24,2-4);

– João: **dois anjos** vestidos de branco (20,11-12).

c) as mulheres que visitaram o túmulo:

– Mateus: Maria Madalena e a outra Maria (28,1);

– Marcos: Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago e Salomé (16,1);

– Lucas: Maria Madalena, Joana, e Maria, mãe de Tiago (24,10);

– João: Maria Madalena (20,1).

Embora façam de tudo para relevar tudo isto, não conseguem explicar como o “Espírito Santo” teria inspirado os fatos de forma tão divergente assim. Aliás, é oportuno citarmos o pensamento do padre jesuíta Ferran Maria Palmés (1879-1963), espanhol, professor de Psicologia, que foi um antiespírita ultraradical:

É coisa sabida, com boa lógica, que duas proposições contraditórias não podem ser ambas verdadeiras nem ambas falsas, e que as proposições contrárias, embora possam ser ambas falsas, em nenhum caso podem ser ambas verdadeiras. (PALMÉS, 1957, p. 261).

Ao finalizar, queremos dizer que nosso propósito não é outro senão o de encontrar a verdade, buscando o cumprimento deste preceito de Jesus: “*Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará*” (Jo 8,32). Portanto, não temos a intenção de “derrubar” a Bíblia. Inclusive, reconhecemos que nela têm algumas revelações divinas; basta saber peneirá-las.

É certo que, com isso, pode ser que evidenciemos os que dela fazem uso em proveito próprio, dominando e extorquindo os pobres dos seus fiéis, os que justificam seus preconceitos e, ainda, os que advogam a submissão total das mulheres a seus maridos; porém, não temos como se evitar isso. E, para nós, é bem claro: aquilo que for mesmo uma verdade sobreviverá a todo e qualquer ataque, venha de onde vier.

O filósofo e teólogo Huberto Rohden (1893-1981) argumentando sobre hipótese da Bíblia conter toda a revelação divina, disse:

Ora, poderíamos admitir que, no longuíssimo período anterior ao tempo de Abraão, Isaac e Jacó, Deus nada tenha tido a dizer à humanidade? E, que pelo ano 110 da era cristã, tenha “fechado o expediente”, à guisa de um funcionário público ou burocrata do século XX?... (ROHDEN, 1995, p. 189).

Fantástica essa percepção de Rohden, com a qual concordamos inteiramente.

(revisado em out/2013).

**Referência bibliográfica:**

BARRERA, J. T. *A Bíblia judaica e a Bíblia cristã: introdução à história da Bíblia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

CHAVES, J. R. *A Face oculta das religiões*. Santo André - SP: EBM, 2006.

EHRMAN, B. D. *O problema com Deus: as respostas que a Bíblia não dá ao sofrimento*. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

EHRMAN, B. D. *O que Jesus disse? O que Jesus não disse? Quem mudou a Bíblia e por quê*. São Paulo: Prestígio, 2006.

ESPINOSA, B. *Tratado Teológico-Político*, São Paulo: Martins Fontes, 2003.

JOSEFO, F. *História dos Hebreus*. Rio de Janeiro: CPAD, 7ª ed. 2003.

PALMÉS, F. M. *Metapsíquica e Espiritismo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1957.

ROHDEN, H. *Lampejos evangélicos*. São Paulo: Martin Claret, 1995.

Frase: [http://encontroculturaldf.blogspot.com.br/2013\\_03\\_01\\_archive.html](http://encontroculturaldf.blogspot.com.br/2013_03_01_archive.html), acesso em 07.07.2013, às 11:48hs.

Este artigo foi publicado:

– revista **Espiritismo & Ciência** nº 107. São Paulo: Mythus Editora, out/2013, p. 26-32.